

XENOFOBIA E DISCURSO DE ÓDIO AO ESTRANGEIRO NO ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO DA TRÍPLICE FRONTEIRA (ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAI)

Jocnilson Ribeiro

1. INTRODUÇÃO

Xenofobia, racismo e discriminação de origem são problemas sociais e políticos quase sempre vinculados ao tema das migrações no Brasil ou alhures. Em maior ou menor grau de emergência e vínculo entre estas violências, em um dado tempo e lugar, sua vinculação nem sempre se dá de forma evidente, tampouco se manifesta da mesma maneira, o que depende das condições sócio-políticas, culturais, geopolíticas ou históricas. Na verdade, estes problemas emergem junto com questões atreladas a fator econômico, a conflitos geopolíticos, a disputas bélicas, a relações fronteiriças, a domínios geopolíticos estratégicos, a existência e disseminação de doenças, epidemias ou pandemias virais ou, ainda, disputas de espaços por onde circulam os sujeitos discriminados e seus agressores.

No entanto, as diferentes práticas discriminatórias contra estrangeiros ganham forma na linguagem, em qualquer que seja a sua manifestação semiótica, tendo em vista que a sua realização opera por meio de um processo de oposição identitária cuja *diferença* é um fator constitutivo tanto na esfera das definições teóricas (cf. Woodward, 2000), quanto nos argumentos com que se busca legitimar tais violências e com as quais se agride o outro. Assim, pretende-se desen-

volver aqui uma análise discursiva¹ a partir de uma abordagem interdisciplinar com base nos estudos do discurso e nas questões de imigração, com algumas referências sobre o tema da identidade e da diferença. Deste ponto de partida, é preciso refletir sobre o discurso contrário à presença de alguns estrangeiros, avaliando as condições de emergência do discurso xenofóbico no Brasil, associado a duas situações de produção de enunciados: a) aquela em que se reconhece o estrangeiro no princípio da defesa dos direitos humanos, dos direitos civis assegurados em leis; e b) aquela em que se reconhece o estrangeiro como estranho e ameaça, portanto, na condição de *xénos*.

O objetivo deste capítulo é analisar as condições sócio-históricas de emergência de discurso contrário à presença do estrangeiro no Brasil e sua repercussão na vida pública reverberada tanto na mídia jornalística quanto nas redes sociais. Apresentamos a síntese dos dados textuais e linguísticos levantados e, na sequência, a configuração dos enunciados. Discutimos o modo de se ver e ser estrangeiro no imaginário do *brasileiro cordial* e no espaço enunciativo da fronteira entre países onde as questões linguísticas, culturais e identitárias estão atreladas a uma política de promoção de educação intercultural e integracionista, tomando como exemplo a institucionalização da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Para tanto, partimos da contextualização temática situando o leitor face à problemática das migrações onde emergem discursos sobre os estrangeiros, ainda que tal nomeação independa da relação internacional (relativo a *entre e inter nações*), isto é, fruto de um processo de reconhecimento do outro que parte de um país X e migra para um país Y, de onde se sente pertencido aquele que o nomeia ou o qualifica através das instituições e suas leis, formulários, documentos e políticas, mas também através dos discursos e das práticas que, muitas vezes, violam os direitos humanos desses sujeitos. Primeiramente, situamos o problema de pesquisa no contexto da fronteira e da academia, em seguida, situamos a questão no campo teórico dos estudos discursivos, particularmente o da análise do discurso afinada às ideias foucaultianas, a fim de sustentar o trabalho analítico a partir de uma virada teórico-metodológica com noções e procedimentos através dos quais serão apresentadas as análises. Por fim, voltamos à

¹ Embora nosso intento aqui seja trazer uma reflexão baseada em questões de experiência com a pesquisa no decorrer dos últimos quatro anos na região da Tríplice Fronteira, sugerimos alguns trabalhos de Rajagopalan (2003) e Barros (2008), no heterogêneo campo dos estudos linguísticos e discursivos no Brasil, onde ambos trouxeram a questão da intolerância e da xenofobia para o debate.

questão do objeto dessa empreitada procurando compreender como funciona o discurso xenofóbico analisando alguns enunciados que constituem um *dizer sobre o estrangeiro* e, ao mesmo tempo, expõe um modo de *dirigir-se ao sujeito em trânsito*.

2. A QUESTÃO DA XENOFOBIA EM FOZ DO IGUAÇU-PR E NO CONTEXTO ACADÊMICO: PROBLEMA DE ESTUDO

O problema do ódio ao estrangeiro e da aversão aos imigrantes pelo mundo tem várias causas ao longo da história, variando de uma sociedade para outra e a depender de um conjunto de fatores, como dissemos na introdução. Entre as inúmeras causas, destacam-se a ideia de ameaça ao emprego e à economia do cidadão, o sentimento de superioridade, a intolerância étnico-racial e religiosa, o acirramento do conceito de unidade nacional (nacionalismo exacerbado), o medo de perder seu status identitário, a falta de informação e formação intercultural, bem como a ausência de políticas integracionistas e de valorização da alteridade e da diversidade. É bom lembrar que a lista de causas não se encerra com estes pontos.

A partir 2016, passamos a observar na linguagem e nos signos da própria cultura de fronteira, em sua relação com o outro, diferentes modos de lidar com este *outro*, principalmente com *aquela que se deslocou* para o espaço constituído por três países (Argentina, Brasil e Paraguai) ou que nele circula, numa relação ambígua e dialética. E na cidade de Foz do Iguaçu (*contexto* da investigação) se constituem os sujeitos estrangeiros e brasileiros. Na verdade, a própria cidade se constituiu historicamente nesta zona de confluência transitória e simbólica, posto que ela é a cidade de passagem, de chegada, de saída e de residência permanente numa contínua relação internacional com tudo o que esta relação implica no imaginário coletivo, nos signos verbais e não verbais.

Além disso, a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional (Brasil-Paraguai), entre 1974 e 1987, no auge da ditadura civil militar, permitiu – não sem inúmeras violências de que eram vítimas os trabalhadores brasileiros e estrangeiros (o trânsito de homens engenheiros e barrageiros²), alguns com suas

² A história dos trabalhadores e a forma como sistematicamente funcionava o aparato repressivo durante a construção da Hidrelétrica de ITAIPU é cuidadosamente descrita e analisada pelo historiador Valdir Sessi em sua dissertação de mestrado “*O povo do abismo*”: *trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1974-1987)*, defendida em 2015 na Universidade Estadual do Oeste do Paraná no Programa de Pós-graduação em História.

famílias, que na tímida cidade iam se fixando (Sessi, 2015). É nesse contexto que vários problemas de pesquisa emergem, em particular aquele referente à condição do estrangeiro, carecendo de um olhar interdisciplinar (Costa & Pereira, 2012) para compreendê-lo em sua complexidade. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa – *Discurso, imageria e representação sobre o “outro-estrangeiro”: um estudo de linguagem e interculturalidade* – com o propósito de identificar as práticas discursivas e as condições sócio-históricas de emergência de enunciados em torno de sujeitos migrantes e construir um arquivo de textos jornalísticos, científicos e institucionais para estudos mais apurados na área de estudos do discurso. O objetivo era entender também como funcionava a relação entre sujeitos no espaço da fronteira delimitada, entre tantos signos culturais, símbolos, monumentos e línguas diferentes, pelos rios Paraná e Iguazu, bem como sua relação com a cidade e a universidade.

Chamavam-nos a atenção a ambiguidade dos termos e a dificuldade de perceber suas positivities num espaço cultural de enunciação onde conceitos como *integração, bilinguismo, plurilinguismo, internacionalização, trocas comerciais, interculturalidade, diversidade cultural, ponte da amizade*³ etc. eram recorrentes quando estas noções não representavam, de certo modo, uma demarcação da diferença constitutiva das identidades ali em jogo. Dito de outro modo: estes termos faziam parte de um projeto acadêmico, ao menos na universidade e em seus planos de institucionalização, mas não produziam o mesmo efeito no imaginário coletivo da própria cidade. Reconhecer e pretender a existência de uma cultura bilíngue (ou quiçá plurilíngue) na cidade, dentro e fora da Universidade, não se dá da mesma forma. É preciso, antes de tudo, entender o valor da relação entre um “eu” (cidadã(o) iguaçuense, cidadã(o) brasileiro(a)) e um “outro” (não brasileiro e/ou não “daqui” = estrangeiro) para entender o valor das línguas neste espaço de enunciação plurilíngue. Além disso, no campo acadêmico, enunciar em português, em espanhol e em demais línguas não tem o mesmo peso de valor simbólico no imaginário coletivo externo à universidade para os sujeitos da cidade falantes da língua portuguesa, já que isso implica colocar em evidência o valor da língua portuguesa como um peso simbólico identitário que denota diferença na fronteira, onde o “outro” fala outra(s) língua(s).

³ A Ponte Internacional da Amizade, ou simplesmente Ponte da Amizade, foi construída durante as décadas de 1950 e 1960. Liga a cidade de Foz do Iguazu no Brasil e Ciudad del Este no Paraguai, passando sobre o rio Paraná. Endereço: Puente Internacional de la Amistad, Ciudad del Este, Paraguay. Inauguração: 27 de março de 1965.

Assim, o projeto pretendia abrir um espaço de pesquisa onde se pudesse apresentar uma reflexão baseada nos aportes dos estudos discursivos, em particular na *análise do discurso*, a propósito da xenofobia no Brasil, a partir de embates políticos e ideológicos, concentrando-se em um primeiro momento na questão delimitada ao espaço urbano e da relação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) com a cidade de Foz do Iguaçu e a comunidade acadêmica, num recorte temporal demarcado pela implementação da Universidade. A questão do uso das línguas e do ato de enunciar nas línguas da fronteira inevitavelmente entraria como objeto de estudo, mas não apenas. Em lugar de estudar os discursos sobre as línguas faladas pelos estrangeiros (como língua materna ou estrangeira) na fronteira e identificar o problema da glotofobia e da discriminação das línguas (Blanchet, 2016), era preciso se questionar antes por fatores de ordem do político e do ideológico para além de uma questão linguística. A questão do *discurso de ódio ao estrangeiro* é diferente do problema de discriminação ao estrangeiro pelo modo como fala ou escreve, ainda que alguns deles sofram este tipo de violência.

Um dos objetivos específicos da pesquisa foi analisar os enunciados que emergiam na esfera política das novas direitas e compreender a natureza material de sua emergência, observando como os *discursos de ódio* vêm revestir outros discursos que anulam a alteridade e a identidade de sujeitos em trânsito em *busca de uma vida melhor*⁴ e de políticas integracionistas. Os primeiros dados e os resultados parciais da primeira fase da pesquisa foram descritos em Ribeiro, Moreno e Garcia (2019) e em Ribeiro e Pereira (2019), que sintetizamos na seção de resultados e discussões. Partimos da seguinte questão: quais são os discursos que circulam em torno das migrações (imigrante, emigrante) a partir dos quais emerge um ideário nacionalista e xenofóbico? Na ocasião, analisamos publicações jornalísticas sobre um ato de violência física e verbal, na cidade de Foz do Iguaçu-PR em 2016, contra um estudante universitário

⁴ Esta reflexão acerca dos sentidos de “melhorar de vida” a partir da qual eu me refiro à expressão “busca de uma vida melhor” pode ser melhor aprofundada com os trabalhos da socióloga Lidiane Maria Maciel que analisou o problema das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP. Embora ela não tenha se voltado à questão das migrações internacionais nem dos estrangeiros no Brasil, tampouco sua base teórico-metodológica esteja cunhada no campo dos estudos discursivos, a discussão que ela constrói em torno dos sentidos de “melhorar de vida” leva-nos a pensar sobre a condição do estrangeiro e os significados que emergem e/ou o atravessam ao *mudar* de vida, ao *mudar* suas vidas, ao *mudar* de lugar *mudando* [e apropriando-se de] um conjunto de signos. Cf. MACIEL, L. M. O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos. Unicamp, 2012.

de origem haitiana⁵ sendo agredido por violências física, racial e xenofóbica. Passamos a observar também a recorrência de discursos de ódio dirigido, com certa frequência, a estrangeiros, vinculando enunciados de teor racial e/ou xenofóbico, em redes sociais.

Desenvolvemos um estudo preliminar de uma série de enunciados em mídias impressas e *on-line* (Ribeiro & Pereira, 2019), em português e espanhol, que revelou um crescente aumento dos discursos de intolerância, partindo do fenômeno “migrações”, contrapondo-se às políticas de integração e migrações na América Latina e Caribe e a nova Lei de Imigração. É importante lembrar que a Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017) vem definir novas regras e políticas aos imigrantes, devendo marcar uma “era de segurança jurídica, transparência e desburocratização da política migratória para o Brasil” como afirma Böhm (2017).

Em contramão às definições dessa lei, evidencia-se o fenômeno da *xenofobia* no país, o que deslegitima o “mito da cordialidade brasileira” (Holanda, 1995). Na verdade, a suposta cordialidade brasileira é deslegitimada por um conjunto de práticas discursivas e atitudes materializadas na própria cultura de herança escravocrata, quando a questão racial atravessa nossas relações pessoais, define e constitui nossa cultura e aparece no modo como, segundo Jessé Souza, se apresenta “nossa hierarquia social”.

Souza (2019), nesse viés, desenvolve uma contundente análise dos conflitos e das contradições da sociedade brasileira desigual e classista a partir de um olhar teórico pautado na teoria racial, criticando inclusive as velhas interpretações hegemônicas seguidas por muitos intelectuais quase sempre uníssonos e partidários de uma *retórica da cordialidade brasileira*, com suas ressalvas. Segundo o sociólogo, a constituição da sociedade brasileira é atravessada por valores moralmente racistas que opõem sua elite aos mais pobres, vítimas das inúmeras violências concretas e simbólicas até os dias de hoje. Com a crítica desenvolvida por Souza (2019), voltamo-nos ao tema da xenofobia no contexto brasileiro e, particularmente em Foz do Iguaçu-PR, como uma questão discursiva, procurando entender as condições de emergência do discurso de ódio dirigido ao estrangeiro nesse contexto. Haveria alguma relação, nesse mesmo sentido, entre o discurso racista orientado aos próprios brasileiros e o discurso xenofóbico dirigido aos brasileiros nordestinos, por

⁵ “Haitiano é vítima de agressão no Centro de Foz do Iguaçu, no Paraná” (16/05/2019). Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/haitiano-e-vitima-de-agressao-no-centro-de-foz-do-iguacu-no-parana.html>. Acesso em: 19 abr. 2017.

exemplo, ou a alguns estrangeiros oriundos da África, da América hispanófono ou caribenha?

Diante desse breve panorama e da problemática que procuramos desenhar em um primeiro momento, o projeto de pesquisa se voltou a dois aspectos no interior dos quais se passa a pensar a condição do estrangeiro no Brasil e, em particular, em Foz do Iguaçu, lugar simbolicamente sintomático em função dos trânsitos interculturais mais evidentes quando observo sua localização (trans) fronteiriça e o papel da UNILA. Vale lembrar que a UNILA é a única universidade brasileira com uma política oficial de ensino em português e espanhol⁶ e uma política linguística pautada no reconhecimento e na valorização do pluralismo linguístico.

Sobre minhas questões iniciais de pesquisa, devo destacar que se trata do modo de *se ver o estrangeiro*, mas também do modo de *ser estrangeiro* na cidade e na universidade, presentes nos enunciados materializados em distintas materialidades languageiras. Tais enunciados nos serviram de indício do que passamos a estudar como discurso de ódio, por um lado, e discurso anti-imigrante e xenofóbico, por outro. Evidentemente, a questão racial atravessaria a série de textos analisados, mas nossa empreitada, no primeiro momento da pesquisa, se voltou apenas ao termo “xenofobia” (ou sua manifestação) como ponto central. Em síntese, nosso problema de estudo vai se definir tanto pelo modo como se percebe (*ver*) ou como se concebe (*ser*) o estrangeiro nos diferentes espaços de circulação dos discursos.

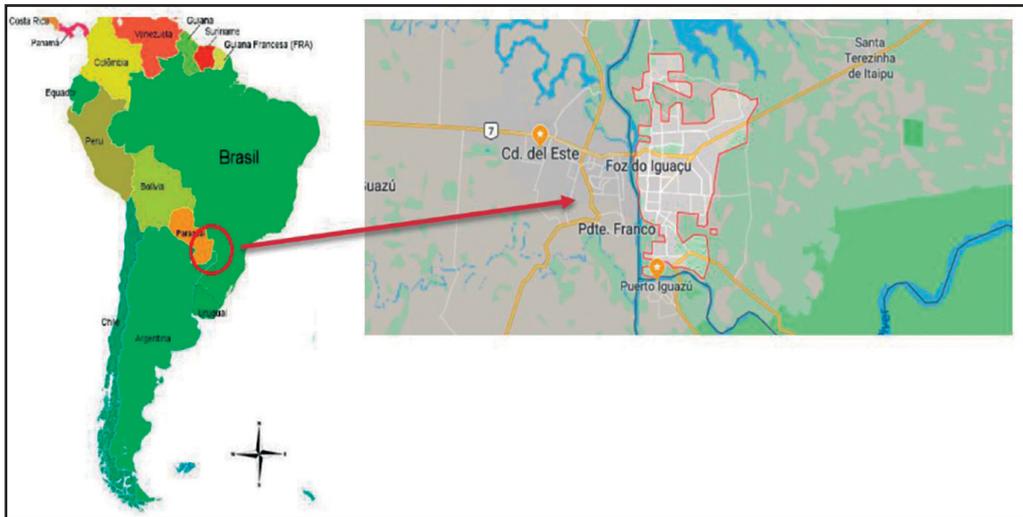
3. FOZ DO IGUAÇU E UNILA: ESPAÇO ENUNCIATIVO DE UMA POLÍTICA DE LÍNGUAS E INTEGRAÇÃO

A cidade de Foz do Iguaçu, situada no Oeste do Paraná, conta com uma população estimada de 258.823 habitantes (IBGE, censo de 2018) e compõe a região internacional da Tríplice Fronteira (Figura 1), tendo às margens do rio Iguaçu e rio Paraná as cidades de Porto Iguaçu, na Província das Missões, na Argentina, e Cidade do Leste, no distrito homônimo no Paraguai. Conforme dados do IBGE, dos censos de 2010 e 2018, e da Prefeitura Municipal, o município conta com uma diversidade étnica e religiosa expressiva, o que lhe confere expressões adjetivas como *um dos mais cosmopolitas e multiculturais* municípios do Brasil – o que comumente se escuta ou se lê sobre a cidade, sobretudo através

⁶ No Regimento Geral da UNILA (2013), o artigo 111 dispõe: “O ensino na UNILA, bilíngue e interdisciplinar, em consonância com sua missão institucional.”

das inúmeras representações turísticas. No site da Prefeitura Municipal⁷, por exemplo, destaca-se o fato de o município contar com cerca de 80 nacionalidades com residência fixa.

Figura 1- Mapa da cidade de Foz do Iguaçu na Tríplice Fronteira.



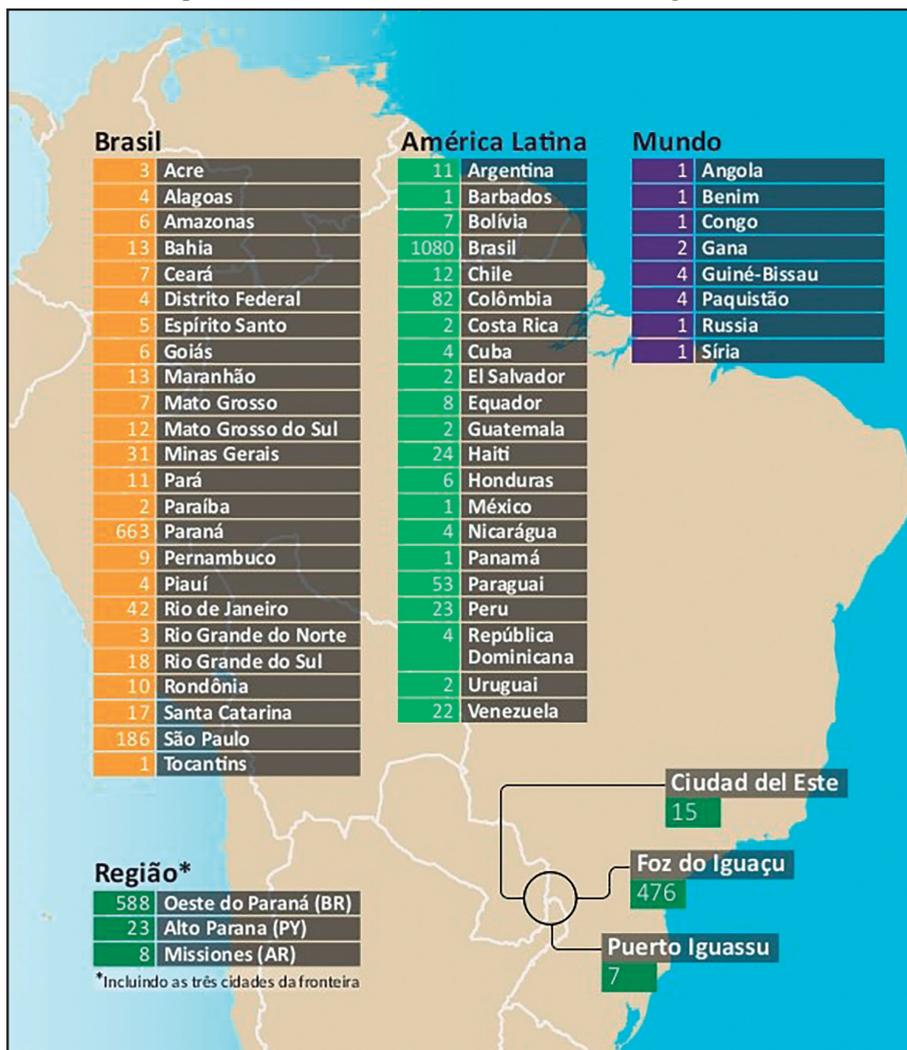
Fonte: Ribeiro, Moreno & Garcia (2019).

Em 2010, o censo evidenciou uma população de mais de 50% com religião católica romana, 27% de protestante, 7% sem religião, 2% de islâmica, 1,4% espíritas. Destaca-se o fato de a cidade contar com a segunda maior população árabe residente no Brasil, praticante de religião islâmica. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), ainda em 2010, era de 0,75. Economicamente, em 2016 o município apresentou um PIB per capita de R\$50.727, 72.

É na cidade de Foz do Iguaçu que se situa a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, criada pela Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010, e sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva quando o Ministério da Educação estava sob a gerência do então ministro Fernando Haddad. A UNILA iniciou suas funções administrativas e pedagógicas em 2011 e conta hoje com 29 cursos de graduação, 12 cursos de mestrados e um curso de doutorado. Segundo dados oficiais da Universidade, em 2019, havia 5.231 estudantes de graduação e 586 estudantes de pós-graduação matriculados, oriundos de 30 países além do Brasil (Figura 2).

⁷ Disponível em: <http://www.pmf.ig.fz.br/conteudo/%3Bjsessionid%3D0155035fd5b4d-2071d32bb8252ea?idMenu=1004>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Figura 2- Número e procedência de estudantes brasileiros e estrangeiros na UNILA em 2019.



Fonte: Unila (2019)⁸.

A UNILA foi fundada com base em conceitos como integração regional, interdisciplinaridade, internacionalização do conhecimento, bilinguismo (português e espanhol), política linguística, biodiversidade, entre outros. Nesse espaço marcado por múltiplos conceitos presentes na cidade, na universidade e em sua lei de criação, a comunidade acadêmica é marcada por representantes discentes, docentes e de seu quadro de técnicos administrativos em educação

⁸ UNILA completa 9 anos, em busca do ensino superior de excelência. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/secom/impressa/numeros>. Acesso em: 13 maio 2019.

oriunda de diferentes nacionalidades e países da América Latina e Caribe, África e Europa, conforme vimos na Figura 2, que descreve apenas o número de discentes. Ou seja, a existência de um intercâmbio intercultural dessa comunidade já reflete nos conceitos que a Lei nº 12.189 traz e nos representantes da própria universidade. Apenas no primeiro semestre de 2019, por exemplo, a UNILA recebeu estudantes estrangeiros de cerca de 30 nacionalidades e brasileiros de 24 estados.

A UNILA foi concebida como uma instituição brasileira de ensino superior como mediadora do constante diálogo transfronteiriço de uma política estratégica de educação, ciência e intercâmbio cultural, colocando brasileiros e estrangeiros no mesmo espaço de construção de conhecimento, a começar pela sala de aula. É na sala de aula que as fronteiras linguísticas se irrompem, não sem diferenças de tratamentos, de funcionamento institucional e de prestígio no plano simbólico-cultural, quer queiramos quer não. Aí estão em jogo diálogos e duelos transfronteiriços – tradução, (inter)compreensão, (des)entendimento, (des)acordos, estereótipos, constrangimentos, aprendizagem, discriminação, preconceitos linguísticos, glotofobia, surpresas, choques, escuta, medos de falar etc. – entre estudantes e docentes, brasileiros daqui e alhures, estrangeiros da Tríplice Fronteira ou de outros lugares. E, nesse jogo, não coexistem apenas o espanhol e o português numa *vontade de bilinguismo* presente, mas outras línguas que existem e resistem em seus inúmeros falantes na UNILA, a saber: inglês, francês, crioulo haitiano, guarani, árabe, japonês, chinês, quíchua, alemão, italiano, russo, filipino etc.

Dessa estratégia política e também simbólica, que se manifesta discursivamente na referida lei, surge o embate promovido pela diferença identitária no contexto acadêmico. O conflito e o desentendimento são constitutivos dessa diferença, sobretudo quando estão em pauta tanto a língua (ou as línguas elencadas acima) quanto as questões políticas e sociais de várias ordens que nos atravessam. É a partir desse ponto que abordamos o aspecto discursivo da relação entre os sujeitos “nacionais” e os “estrangeiros” no contexto brasileiro e, particularmente, o iguaçuense, evidenciando a questão da *violência, medo ou rejeição ao estrangeiro*, como aborda Albuquerque Jr. (1999). O historiador trata desse tema analisando as diversas situações contemporâneas de violência, ódio, temor, discriminação, rejeição e medo de que são vitimados os sujeitos concebidos como estrangeiros pelo mundo implicando uma questão de (i)migração e deslocamento voluntários, forçados ou motivados pelos conflitos internacionais.

Feito a contextualização das esferas geográficas e acadêmicas considerando o papel de uma universidade integracionista e intercultural, entendemos ser necessário refletir sobre a natureza e a configuração do espaço de enunciação (Guimarães, 2005, 2006) marcado por conflitos ideológico e político. Então essa perspectiva definiu o recorte para as análises considerando o aspecto político na configuração dos conflitos como um problema discursivo.

4. MÉTODO

4.1 Natureza e constituição do arquivo

Com base em uma abordagem qualitativa, adotamos como procedimento metodológico a análise dos discursos que se materializam em múltiplas linguagens (seja verbal ou não verbal), a partir das quais o enunciado é sua unidade mínima de constituição. Dessa forma, o discurso e seus efeitos se configuram como objeto de análise semântica com espessura histórica enunciativa, e o texto e sua configuração material são objetos empíricos com espessura semiológica. Conforme Sargentini, Sá, & Ribeiro (2012, p. 40), isso significa dizer que, como princípio teórico-metodológico de análise discursiva, se “procura descrever e compreender os enunciados efetivamente produzidos e materializados no interior de formações discursivas”. Estes são pontos de partida que adotamos para definir e descrever os objetos, estabelecer critérios de seleção e recorte, identificar suas regularidades e estabelecer interpretações possíveis a partir de um arquivo de dados previamente definido.

Sob esta premissa, nosso *arquivo* foi constituído por quatro tipos de documentos: 1) documentos oficiais e institucionais – leis, decretos, projetos pedagógicos de cursos de graduação (PPC), regimento geral da universidade etc.; 2) textos acadêmicos e científicos sobre noção de xenofobia, glotofobia, discriminação linguística, racismo e xenofobia na universidade, ódio ao estrangeiro e ao imigrante; 3) textos de natureza jornalística (notícias, reportagens, vídeos); e 4) textos de circulação em redes sociais.

Os textos eram constituídos por diferentes semioses e se apresentavam, por sua vez, em diferentes esferas de circulação em tempo e lugar. Como queríamos entender, num primeiro momento da pesquisa, quais eram as mais recorrentes nacionalidades de sujeitos vítimas dos discursos de ódio no Brasil para entender uma possível manifestação localizada em Foz do Iguaçu, era preciso então observar não apenas no discurso jornalístico, mas em mais de um lugar de circulação. A diversidade midiática na cidade de Foz do Iguaçu era pouco expressiva e

insuficiente para identificar as condições de emergência da xenofobia, ainda que o fenômeno fosse recorrente nas práticas discursivas. Nesse sentido, foi preciso localizar imagens como vídeos, fotografias, pichações, memes, bem como textos verbais em diferentes gêneros discursivos, como *posts* e comentários em redes sociais. Assim, a adoção por diferentes tipos de materialidades do discurso permitiu-nos capturar enunciados com teor xenofóbico, o que dificilmente se apresentaria como dado ou acontecimento digno de ser objeto jornalístico, salvo quando se tratasse de violência com maior comoção e visibilidade. A natureza desse arquivo era bastante complexa, dada a multiplicidade de linguagens e configuração semiótica a partir da qual deveríamos localizar práticas discursivas a propósito do fenômeno “*recorrência da xenofobia*” na fronteira.

4.2 Critérios de seleção de dados e identificação das recorrências

A partir da construção do arquivo e da definição do tipo de enunciado que pretendíamos analisar, estabelecemos quatro critérios: o temporal como acontecimento discursivo, o semiótico enquanto materialidade do discurso, o identitário que se refere às nacionalidades e o político enquanto fator ideológico. O recorte temporal foi estabelecido da seguinte maneira: i) levantamento de textos a partir de 2010, ano de criação da UNILA; e ii) identificação de enunciados de teor xenofóbico antes e durante as eleições de 2018 para entender as condições de emergência dos discursos. O critério semiótico foi estabelecido a partir do espaço e do meio de circulação: os títulos de notícias publicadas em jornais *on-line* no Brasil e em Foz do Iguaçu e as postagens em redes sociais em linguagem verbal, não verbal e mista. O critério da identidade permitiu a identificação das principais nacionalidades como vítima das manifestações de xenofobia, enquanto o critério político permitiu observar que posições ideológicas eram marcadas nos enunciados e nas práticas discursivas quando se apresentava a diferença entre nacional e estrangeiro. Por fim, usamos os termos em língua portuguesa “*imigrantes*” e “*estrangeiros*” (nos números singular e plural) + *xenofobia* + *Brasil* e *Foz do Iguaçu* como filtros no Google no intuito de fazer emergir possíveis notícias jornalísticas a partir do ano de 2010.

Excluímos como critérios o fator quantitativo, tendo em vista que, ao se analisar discursos, não se questiona o número (*que quantidade?*) de recorrências dos enunciados nem o sujeito empírico da enunciação (*quem disse o que para quem?*), mas o modo (*como funciona?*) em que se dão os processos de constituição, formulação e circulação do dizer (Orlandi, 2005) – processos estes interrelacionados às condições de produção do discurso (Pêcheux, 1990). Além disso,

para essa pesquisa, não adotamos nenhum procedimento operativo e metodológico de coleta de dados a partir de contato direto com a comunidade acadêmica⁹, residentes na cidade de Foz do Iguaçu e na Tríplice Fronteira ou supostas vítimas de xenofobia, estereótipo ou qualquer outro gesto de violência verbal, linguística, gestual ou física.

Estabelecidos tais critérios de seleção e identificação de recorrência de enunciados e tipos de sequências discursivas, realizamos paralelamente encontros semanais do grupo de pesquisa *imaGine - Grupo de Estudos do Discurso: imagem, ensino e representações interculturais* (CNPq, para leituras teóricas, metodológicas e analíticas). Nesses encontros, analisávamos os principais conceitos do terreno da Análise do Discurso, numa perspectiva dos estudos foucaultianos, a fim de explorar os princípios de análise e, na sequência, os textos empíricos nos quais fosse possível a identificação de enunciados com teor xenofóbico.

Apresentamos uma síntese do nosso objeto teórico através da noção de *xenofobia e discurso de ódio* e, posteriormente, os resultados e discussões, onde descrevemos, no aspecto macro, as manifestações dos títulos de notícias e textos de *blogs* e, no micro, a constituição dos discursos no nível linguístico a partir da configuração dos enunciados.

4.3 A noção de xenofobia e o discurso de ódio a estrangeiros no campo teórico

São inúmeras as concepções de xenofobia: desde aquelas mais clássicas que apresentam os dicionários e seus verbetes, àquelas apresentadas por cientistas sociais, historiadores e demais pesquisadores em seus inúmeros domínios teóricos. Muitas vezes, estas definições e noções surgem desde uma abordagem mais genérica (presentes nos dicionários) à mais específica a depender do modo como ela se manifesta nas instituições aí implicadas e são dirigidas a determinadas categorias de sujeito. Seja a xenofobia e o racismo das elites (van Dijk, 2005) e a xenofobia popular (Laurens, 2006), seja a xenofobia de estado ou de governo (Valluy, 2008), a questão da violência contra o estrangeiro vai apresentar formas materiais na linguagem nos diversos espaços de circulação dos discursos, sobretudo nas redes sociais nos dias de hoje.

A manifestação deste fenômeno no Brasil tem uma base etnológica-racial e, muitas vezes, religiosa. Ela se estrutura em torno das dicotomias branco e

⁹ No campo dos estudos antropológicos, sugerem-se os trabalhos desenvolvidos por Menara Lube Guizardi (2020), em particular um artigo recentemente publicado acerca das configurações do ódio das práticas xenofóbicas em Foz do Iguaçu-PR em cujo estudo se adotou uma abordagem etnográfica.

não branco, cristão e não cristão (muçulmano, adepto do candomblé etc.), o que significa dizer que, ainda que se revele ante a figura de um estrangeiro, a aversão ao estrangeiro negro não está no mesmo nível da aversão ao estrangeiro branco de procedência europeia; na França, por contraste possível, é comum ecoar nos discursos da extrema direita um enunciado xenofóbico dirigido a argelinos brancos ou pelo fato de algum indivíduo ser procedente do mundo árabe. Os fatores que levam à manifestação dos discursos não se estabelecem de modo idêntico ou análogo em contextos distintos para sujeitos distintos, mas dependem de condições de produções específicas e situadas sócio-historicamente.

Numa perspectiva histórica, a noção de xenofobia pode assumir distintas facetas ao longo do tempo, tendo sempre sujeitos representados por um “outro” (os não pertencidos), um “eu” (os pertencidos), um lugar (dentro e fora num espaço e num território X), um evento, uma prática ou atitude de rejeição e uma gama de valores simbólicos a partir dos quais estes personagens (sujeitos agentes e/ou pacientes) assumem consciente ou inconscientemente um lugar na cena de uma narrativa discriminatória, xenofóbica, portanto, quando assim se configura.

Segundo o historiador brasileiro Durval Albuquerque Júnior, na introdução do seu livro *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*:

A palavra xenofobia vem do grego, da articulação das palavras *xénos* [ξένος] (estranho, estrangeiro) e *phobos* [φόβος] (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e um preconceito e relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade. (Albuquerque Jr., 2016, p.9)

Os espaços fronteiriços delimitados política e simbolicamente por múltiplas culturas comportam o imaginário da diferença estabelecida por normas, instituições e discursos que constituem identidades. Leis, órgãos de polícia, presença de aduanas, obeliscos, religiões, igrejas, línguas, bandeiras, uma linha imaginária, um rio etc. correspondem a demarcações, políticas, geográficas e simbólicas que definem o lugar do “eu” e o lugar do “outro”, e, ao mesmo tempo, as formas de relações de poder-saber entre sujeitos, determinados pelas condições históricas e sociais. Assim, quando há mais de uma língua-cultura coabitando-se em um dado espaço de enunciação (Guimarães, 2005, 2006; Sturza, 2006), tornam-se mais evidentes conflitos e violências atravessados por questões de ordem étnica,

religiosa, socioeconômica, política e linguística. Daí a xenofobia e o racismo emergem na fórmula de discurso de violências, discursos de ódio, materializando-se na linguagem e como *práticas discursivas* (Foucault, 1996, 2008) que legitimam uma retórica da diferença: não apenas uma diferença constitutiva das identidades numa relação democrática e de tolerância, mas uma diferença pausada no desprestígio, na arrogância frente ao outro, na discriminação e outras inúmeras manifestações de violência.

Assim, percebemos que as práticas xenofóbicas entre sujeitos geralmente vêm associadas a dois mecanismos de funcionamento, ainda que haja outras práticas “veladas” ou “silenciadas” que podem funcionar como uma atitude contra as vítimas em situação de minoria: o mecanismo de *hostilidade* e o (re)conhecimento do *outro* como “*estrangeiro*” vindo de outro lugar para apropriar-se do espaço geográfico e simbólico do não estrangeiro, como defende Albuquerque Jr. (2016). É preciso dizer ainda que tais práticas ganham existência material tanto nas atitudes, que ganham forma na violência, quanto naquelas que veiculam na linguagem discursos sobre o *outro* que o colocam na condição de vulnerabilidade na sua própria condição de sujeito estrangeiro. É como se o fato de *ser estrangeiro* significasse uma ameaça, uma condição de sujeito que oferece risco, perigo e desconfiança ao *nacional*.

O fenômeno da xenofobia no Brasil está muito longe de ser algo novo, partindo do pressuposto de que, na história das migrações internacionais no país (Patarra, 1995) e no modo como se constituiu sócio-historicamente a imagem do estrangeiro na imprensa brasileira (Campos, 2015), tal problema se deu nas relações conflituosas entre os distintos grupos étnicos em contato, mesmo contra aqueles que aqui já estavam, os povos originários, os que chegaram ou foram trazidos à força como os negros através de comércio e tráfico negreiros ou demais condições ou situações diaspóricas. Não nos esqueçamos que os povos indígenas historicamente foram vítimas de inúmeras violências e sujeitos de discursos xenofóbicos, e até hoje tais gestos discriminatórios circulam discursivamente no imaginário brasileiro estando materializados na língua portuguesa: “*coisa de índio*”, “*ideia de índio*”, “*bando de índio*”, “*programa de índio*”, “*roupa de índio*”, “*fantasia de índio*” etc. Essas expressões produzem efeitos discursivos a partir da articulação entre os termos que, aparentemente, não produzem sentidos pejorativos se tomados isoladamente. Através de sintagmas nominais cujo núcleo é a palavra “índio”, e seus determinantes são termos semanticamente abstratos (como *coisa*, *ideia*, *bando*, *programa*, *roupa*, *fantasia*), nota-se uma construção monumentalizada numa sintaxe que não permite, no uso cultural e

recorrente no Brasil, sentidos positivados de norte a sul do país. Evidentemente, os lugares de resistência contra estes discursos podem adotar para si algumas dessas expressões em uma formação discursiva que se contraponha a um saber pejorativo. Tal gesto passa a ser político.

Quadro 1- Nacionalidades das vítimas de xenofobia descritas nas notícias.

Nacionalidade	Título de textos jornalísticos
Cubana	<i>“Xenofobia e racismo contra médicos cubanos (2013)”</i> ¹⁰
	<i>“Humberto Costa condena “preconceito, xenofobia e racismo” contra médicos cubanos”</i> ¹¹
Haitiana	<i>“Imigrantes haitianos sofrem racismo e xenofobia no Brasil” (2014)</i> ¹²
	<i>“Universidade repudia agressão a estudante haitiano em Foz do Iguaçu” (2016)</i> ¹³
	<i>“Imigrantes haitianos sofrem com xenofobia no trabalho”(2016)</i> ¹⁴
Síria	<i>“Cariocas fazem “esfirração” em prol de sírio vítima de xenofobia no Rio”</i> ¹⁵
Senegalesa	<i>“Senegaleses é alvo de racismo, xenofobia e agressão no centro de Bagé(2017)”</i> ¹⁶
	<i>“Imigrantes denunciam xenofobia e violações”(2017)</i> ¹⁷
Venezuelana	<i>“O “monstro da xenofobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil (2018)”</i> ¹⁸
	<i>“O país da imigração flerta com a xenofobia”(2018)</i> ¹⁹

Fonte: Ribeiro (2018).

¹⁰ Fonte: <https://www.geledes.org.br/xenofobia-e-racismo-contra-medicos-cubanos/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹¹ Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/08/28/humberto-costa-condena-201cpreconceito-xenofobia-e-racismo201d-contra-medicos-cubanos>. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹² Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-no-brasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹³ Fonte: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/universidade-repudia-agressao-estudante-haitiano-em-foz-do-iguacu.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹⁴ Fonte: <https://www.otempo.com.br/cidades/imigrantes-haitianos-sofrem-com-xenofobia-no-trabalho-1.1410725>. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹⁵ Fonte: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2017-08-12/xenofobia-solidariedade-rio.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹⁶ Fonte: <http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2017/08/29/senegales-e-alvo-de-racismo-xenofobia-e-agressao-no-centro-de-bage>. Acesso em 20 abr. 2019.

¹⁷ Fonte: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/02/geral/545737-imigrantes-denunciam-xenofobia-e-violacoes.html. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹⁸ Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/17/politica/1534459908_846691.html. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹⁹ Fonte: <https://www.destakjornal.com.br/opiniao-destak/colunistas/rogerio-barros-pinto/detalhe/o-pais-da-imigracao-flerta-com-a-xenofobia>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Numa temporalidade mais recente delimitada a partir do governo do PT, desde o primeiro mandato do presidente Lula da Silva, com suas políticas sociais e integracionistas, o fenômeno da xenofobia tem sido recorrente contra cubanos, haitianos, sírios ou membros do mundo árabe, bem como venezuelanos (Quadro 1). Estes últimos passaram a ser, com muita frequência, o maior alvo de violências contra imigrantes no Brasil com o acirramento da crise interna na Venezuela concomitante às eleições de Jair Bolsonaro, combustão propícia aos discursos de ódio por quase todo o país. Arrisco-me a dizer que, desde a prisão de Lula, há notadamente no Brasil um acirramento dos discursos políticos conservadores que endossam a retórica da violência, do ódio às diferenças e da criminalização dos pobres e dos negros, o que culmina metonimicamente na figura do ex-presidente Lula. Mas essa construção discursiva recorrente em diversos meios, visivelmente na grande mídia, em grupos e páginas de redes sociais, adquire respaldo e legitimação nos representantes da direita e extrema direita política. Michael Löwy esboça uma análise comparativa do fenômeno do conservadorismo e da extrema direita brasileira e francesa, vendo em comum a ideologia repressiva, o culto à violência policial e a “intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais” (Löwy, 2015, p. 663). Então, é nesse mesmo nicho ideológico que residem o medo e a aversão ao estrangeiro, sobre os quais alguns enunciados carregam pré-construídos já conhecidos como, por exemplo, a questão do emprego, da “tomada” de vagas etc.: (i) *“Haitianos, vocês roubam nossos empregos!”*; e (ii) *“Em tempos de crise, os brasileiros pensam que eles (haitianos) vão retirar seus empregos”*.

5. RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

5.1 Análise de recorrência da xenofobia em sites de notícia e blogs

Atendendo ao primeiro objetivo específico de levantamentos de notícias desde 2010, selecionamos uma série de textos de gênero jornalístico (Quadro 2), de mídia de grande circulação a exemplos de portais de notícia como Globo/G1, BBC Brasil, Terra, Uol, Correio Brasiliense, El País, ou de circulação mais restrita como foi o caso de alguns sites de notícia de menor visibilidade e impacto. Para estes, temos Blog Fronteira Zero, Click Foz do Iguaçu, Blog EmpresariALL, Blog Combate Racismo Ambiental como alguns exemplos.

Quadro 2- Títulos de notícias jornalísticas e **blogs** em meio on-line.

Data	Títulos de notícias	Meio on-line
10/12/2010	<i>Mercosul emitirá declaração de condenação ao racismo e xenofobia</i>	Terra.com.br
16/12/2010	<i>Cúpula do Mercosul emitirá declaração de condenação ao racismo e à xenofobia</i>	Jornaldebrasil.com.br
23/12/2010	<i>5ª Marcha dos Imigrantes – Foz do Iguaçu</i>	Blog Fronteira Zero
21/03/2012	<i>Professor é denunciado por racismo e xenofobia contra estudante da UFMA</i>	RedeMirante Maranhão/G1
02/09/2013	<i>Unila: o perigo mora ao lado</i>	Blog empresariALL
04/09/2013	<i>Xenofobia em Foz: a 1ª linha do preconceito</i>	Aluiziopalmar. blogspot.com
13/05/2014	<i>Imigrantes haitianos sofrem racismo e xenofobia no Brasil</i>	Terra.com.br
22/10/2014	<i>MPT investiga denúncia de racismo e xenofobia contra haitianos no PR</i>	RPC Paraná/G1
10/12/2014	<i>Xenofobia se converte em agressões contra imigrantes haitianos</i>	Gazeta do Povo
26/08/2015	<i>Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz Pesquisador</i>	BBC Brasil
16/05/2016	<i>Haitiano é agredido com garrafada em Foz do Iguaçu, e Dilma se solidariza</i>	Uol.com
16/05/2016	<i>Racistas atacam haitiano e culpam Dilma por presença de estrangeiros</i>	Paraná Portal/Uol
17/05/2016	<i>UNILA se pronuncia sobre agressão contra estudante estrangeiro. Universidade divulgou nota de repúdio nesta segunda-feira, 16</i>	Click Foz do Iguaçu
19/05/2016	<i>Unila transforma evento do Dia da Bandeira do Haiti em debate contra a xenofobia</i>	Paraná Portal/Uol
20/06/2016	<i>Chegada de refugiados faz xenofobia crescer mais de 600% no Brasil, mas nem 1% dos casos chega à Justiça</i>	Huffost.com
22/01/2017	<i>Motorista que acusou Casa dos Frios de racismo grava vídeo sobre caso</i>	Uol.com
07/02/2017	<i>Há um aumento sistemático de discurso de ódio na rede, diz diretor do SaferNet</i>	Época
21/02/2017	<i>Anistia: discurso xenofóbico desencadeia retrocesso global nos direitos humanos</i>	Agência Brasil EBC
01/04/2017	<i>UFRR divulga nota de repúdio a agressão contra aluna indígena</i>	Correio Braziliense
29/07/2017	<i>UNILA e UNILAB: Duas Universidades ameaçadas pelo racismo</i>	Combate Racismo Ambiental/blog
18/10/2018	<i>Por que existe xenofobia no Brasil?</i>	Politize
07/03/2018	<i>Romero acusa imprensa brasileira de xenofobia</i>	Globoplay
10/03/2018	<i>A crônica do futebol que encara racismo e xenofobia como piada</i>	El País
27/08/2018	<i>O “monstro da xenofobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil</i>	El País

Fonte: Elaborado pelos Organizadores.

Desse levantamento, observou-se que o discurso anti-imigrante emerge não apenas como um problema restrito ao universo da Tríplice Fronteira nem exclusivamente ao contexto acadêmico, mas a fatores políticos e ideológicos de ordem mundial e latino-americana. *Grosso modo*, podemos observar que a chegada de estrangeiros haitianos, senegaleses, médicos cubanos, sírios e, mais recentemente, venezuelanos no Brasil responde a uma questão mais ampla e diz respeito à política de acolhimento do país para estes povos, compondo uma agenda global. Assim, o discurso anti-imigrante está presente em outros ambientes e comunidades brasileiros, havendo uma maior intensidade de tal problema onde a concentração de imigrantes estrangeiros, exilados e refugiados é maior ou mais explícita. Quando analisamos títulos e manchetes, outro dado significativo se evidencia a partir das palavras *xenofobia* e *racismo* por vezes associadas como violências distintas ou como sinônimos.

Ao estabelecermos a leitura dos textos no contexto da fronteira e especialmente da cidade de Foz do Iguaçu, constatamos que a presença da UNILA possibilitou a emergência de publicações em *blogs*, portais e sites de notícia, com maior notoriedade, reportando violências de ordem racista, xenofóbica e anti-imigrante na cidade a partir de então. No entanto, não identificamos nenhuma notícia nem outro tipo de publicação on-line a propósito da xenofobia em Foz do Iguaçu e região no ano de 2011, curiosamente ano em que as atividades letivas da universidade têm início. Como dissemos, a UNILA foi criada em 12 de janeiro de 2010 através da Lei nº 12.189 e sancionada pelo então presidente Lula, após projeto de lei enviado ao Congresso Nacional em 2007. Aliado à criação da Universidade, a realização da X Cúpula Social do Mercosul entre os dias 6 e 16 de dezembro de 2014, com a presença de mais de 700 lideranças da sociedade civil dos países da América do Sul, além do então presidente Lula, possibilitou que temas tabus como *racismo* e *xenofobia* surgissem no interior da discursividade jornalística e de outras esferas na cidade.

O texto *Unila: o perigo mora ao lado*, publicado no blog *empresariALL*²⁰, explicita um conjunto de preconceitos e estereótipos contra o estrangeiro, vinculado a posicionamentos políticos e ideológicos a partir dos quais o autor opõe brasileiros a estrangeiros (povos latinos) que coabitam no espaço da cidade iguaçuense e da universidade. É importante destacar que a negação do projeto integracionista da universidade, no espaço da cidade e da fronteira, vem vinculada ao argumento da diferença linguística (“...*povos latinos que*

²⁰ Disponível em: <http://empresariall.blogspot.com/2013/09/unila-o-perigo-mora-ao-lado.html>. Acesso em: 18 jan. 2017.

são separados até pelo idioma.”). Sabe-se que o argumento da diferença linguística (português x espanhol ou língua indígena) é trazido ao discurso com base no mito da homogeneidade nacional brasileira, como o país de língua-uma portuguesa, onde o falante não se reconhece como sujeito latino, porque ser latino significa nesse viés ser falante nativo de espanhol ou ter nascido em países de língua espanhola.

Jovens barbados, cabeludos, com roupas sujas repletas de símbolos comunistas dividem espaço com livros e drogas. Parece cenário de um filme decadente dos anos 1980. Mas é Foz do Iguaçu, hoje. É um dos locais que abrigam estudantes da Unila - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, criada com recursos do povo brasileiro em janeiro de 2010. A ideia que se originou da megalomania de um ex-presidente pode reforçar a má imagem de Foz do Iguaçu. Como toda ideia socialista, nasce num fundo de verdade: integrar povos latinos que são separados até pelo idioma. Mas, como toda ideia socialista, é desviada do foco original para se transformar numa manobra para perpetuação de um grupo político no poder. (Vieira, 2010, s.p.; *grifos nossos*)

Dessa primeira análise, observamos que houve uma recorrência maior de violência contra estrangeiros descritas nas publicações desse gênero com a presença de sujeitos oriundos de quase 30 nacionalidades²¹ entre 2011, quando se iniciaram as atividades letivas da Universidade, e 2018 na fase final do levantamento. A amplitude desta recorrência, a partir de 2017, vem atrelada à mudança de política no plano nacional, quando se começa abertamente a questionar a continuidade de programas sociais como o Mais Médicos, cuja maioria dos estrangeiros partícipes era composta por médicos cubanos. Além disso, questionam-se também a política de acolhimentos de haitianos, a flexibilização da entrada de venezuelanos na região Norte, a modernização da nova lei de imigração (Lei nº 13.445/2017) sancionada pelo então presidente Michel Temer etc. Em 2018, portanto, o aumento da violência aos estrangeiros em Foz do Iguaçu, mas também em âmbito nacional, escritos pela mídia jornalística, explícita nas redes sociais por indivíduos xenofóbicos ou denunciados pelas vítimas, veio a calhar com a postura declaradamente racista e xenofóbica da campanha eleitoral presidencial promovida pelo então candidato Jair M. Bolsonaro e notável parcela de seus apoiadores.

²¹ UNILA. A internacionalização como ferramenta para o desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/reitoria/espaco-reitoria/a-internacionalizacao-como-ferramenta-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 17 mar. 2020.

5.2 Análise de sequência de enunciado: o discurso de ódio na fronteira

Os discursos de ódio produzidos e postos em circulação por sujeitos de ideário conservador, no Brasil, têm ganhado espaço na lacuna criada pelas crises das velhas esquerdas e nas esquerdas mais recentes que ganharam corpo nas lutas em prol da redemocratização dos países imersos nas ditaduras latino-americanas (Ribeiro & Pereira, 2019). Nota-se, hoje, o crescimento de uma “direita intolerante” ou “extrema direita” em contexto internacional na Europa e na América do Norte (EUA), fortalecendo uma onda ideológica anti-imigrante que se institui em vários tipos de violência contra negros, indígenas, pobres, comunidade LGBTQ+, mulheres, árabes, africanos, estrangeiros, haitianos em posições de minorias em direitos civis, individuais e jurídicos. Particularmente no Brasil, esse problema ganha as páginas dos jornais e os perfis das redes sociais ainda no processo de *impeachment* da presidenta eleita Dilma Rousseff, estendendo-se ao período que culminou com aquele da prisão do ex-presidente Lula, em 7 de abril de 2018, e ganha força tanto na campanha de Jair Bolsonaro, quanto nos meses posteriores à eleição do segundo turno em 28 de outubro de 2018 e a consequente posse presidencial, em 1º de janeiro de 2019.

O ódio de que são vítimas esses grupos de indivíduos vem sempre atrelado às posições políticas antagônicas a partir das quais não se toleram o diálogo e o entendimento da alteridade; não se permite em nenhum sentido o reconhecimento da diferença e do contraditório, princípio fundamental das relações entre indivíduos em todas as democracias bem consolidadas. Se as línguas são o elemento político essencial para uma relação de existência de diálogo entre falantes, entre culturas, o entendimento e o desentendimento resultam dessa troca por meio da qual os indivíduos se subjetivam historicamente. Nesse viés, toda a língua é política porque materializa as posições ideológicas de seus falantes no tempo e no espaço. Assim, a língua é por natureza sócio-histórica o lugar onde os sujeitos coexistem e são afetados politicamente pelos discursos que reproduzem ou que a eles são dirigidos. Então, a questão do ódio ao outro, às culturas distintas da sua e as suas origens, a suas posições políticas, a suas ideias, valores e modos de ser na sociedade acaba sendo produto de toda sorte de medo e aversão às diferenças constitutivas de uma sociedade genuinamente heterogênea.

O que está em jogo aqui é a pressuposição da igualdade implicada no conceito de democracia, conforme discute Rancière (2014) no livro *O ódio à democracia*, mas historicamente os sujeitos de privilégios – aí incluídos os que pensam que possuem privilégios – nunca viram com bons olhos tal princípio democrático. Então, historicamente, em longa, média e curta durações,

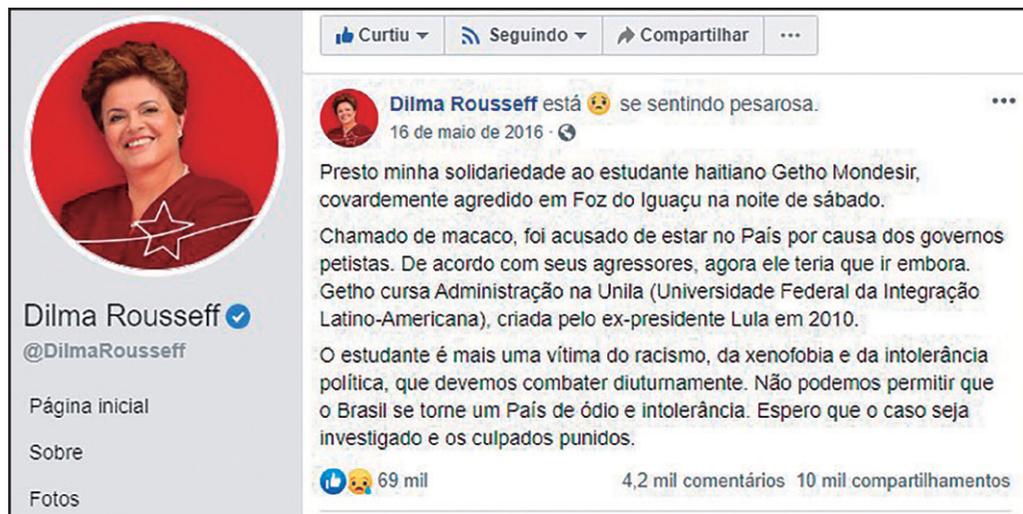
a cultura dos privilégios demarcou os que eram do mundo da pobreza e os da riqueza, os desalmados e os divinos, os naturais e os invasores. E isso inevitavelmente se apresenta na língua. Os imigrantes, estrangeiros, estranhos, internacionais desestabilizam essa lógica assimétrica de privilégios pondo em questão o tema do tratamento (des)igual numa sociedade que, por princípio democrático, requer a pressuposição de igualdade. A língua da Constituição Brasileira apregoa valores como igualdade, liberdade e direito de ir e vir de todo cidadão; o combate à discriminação, a xenofobia, o racismo e o ódio, com base em tratados, acordos e cartas internacionais, e na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Contudo, a língua dos jornais e de outros espaços de circulação dos discursos faz notar exatamente a existência daquilo que a língua dos documentos que citei acima coíbe.

Nota-se que os termos que constituem os títulos de notícias do Quadro 2 denunciam na ordem da língua um sujeito estrangeiro na condição de vítima, uma violência que o atinge e outras marcas linguísticas que obedecem a uma ordem bem definida através de verbos, preposições, expressões prepositivas, tais como “x contra y”, “y é alvo de x”, “y sofre x”, “y ronda x”, “z flerta com x”, “y vítimas de x”, “y denunciam x”.

Onde: x = [objeto; violência]; y = [paciente; vítima]; z= [lugar; conivente]

- 1) E1: Xenofobia e racismo *contra* médicos cubanos.
- 2) E2: Humberto Costa condena “preconceito, xenofobia e racismo” *contra* médicos cubanos.
- 3) E3: Imigrantes haitianos *sofrem* racismo e xenofobia no Brasil.
- 4) E4: O “monstro da xenofobia” *ronda* a porta de entrada de venezuelanos no Brasil.
- 5) E5: Senegalês *é alvo de* racismo, xenofobia e agressão no centro de Bagé.
- 6) E6: O **país da imigração flerta com** a **xenofobia**.
- 7) E7: Haitiano *é vítima de* agressão no Centro de Foz do Iguaçu, no Paraná.

Figura 3- Post da Presidente Dilma Rousseff contra agressão sofrida pelo estudante haitiano em 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/DilmaRousseff/>

Ao observar cada um dos títulos de notícia que aqui sequenciamos em 6 enunciados, constata-se a violência traduzida em palavras como *xenofobia*, *racismo* e *preconceito* como o objeto que faz vítima os sujeitos nas diferentes nacionalidades. Resta saber: quem move o objeto produto de uma ação de violência que acomete estes sujeitos?

Os títulos explicitam as vítimas (sujeitos), as práticas de violências (objetos) e as ações (marcadas pelos verbos), mas mantêm ocultos os agentes dessa violência. No enunciado E7, tanto se oculta o agente agressor quanto se atenua e torna genérico o tipo de violência que sofre o estrangeiro (neste caso em particular, o haitiano agredido em Foz do Iguaçu, com grande repercussão nacional). Sobre o acontecimento, a então presidente Dilma Rousseff (Figura 3) prestou solidariedade ao estudante dada a gravidade da violência e a repercussão.

O termo *agressão*, em E7, pode ser associado por relação de sinonímia a *atacado e ferido*, o que nos conduz ao entendimento de que o tipo de agressão o faz passar por exame de corpo de delito. Quem o agrediu? Quais são as características do agressor? Qual era a sua nacionalidade ou origem? O que fazia? O que disse? Nenhuma dessas perguntas tem resposta a propósito do agressor, diferentemente do sujeito agredido. Dele, se sabe ao menos da nacionalidade e/ou da condição de imigrante. Cabe então outra questão: que sentidos possíveis

são evidenciados e apagados na ordem do dizível e do indizível em títulos de notícias como estes acima?

Mesmo em E6, onde se pode localizar a expressão “a país da imigração” na posição de agente da violência, o verbo adotado é *flertar*, permitindo efeitos positivados dessa ação, já que flertar significa no campo semântico das relações afetivas e amorosas *paquerar, namoriscar, namoricar, agradar, prestar cortesias, galantear, cortejar etc.* Ora, ainda que o enunciado E6 apresente o verbo *flertar* em uso metafórico, reside nesta metáfora uma espécie de sedução e galanteios com um “monstro” (E4) que ronda a porta de entrada do Brasil em Pacaraima, no estado de Roraima, fronteira com a Venezuela. Assumir que o Brasil flerta com um monstro seria então admitir o efeito discursivo de que o suposto “país da imigração” e “país do homem cordial” não sustenta o mito dessa cordialidade e pátria anfitriã, como se construiu historicamente através de seus símbolos culturais como o carnaval, o futebol e o samba. Mas *flertar com a xenofobia* não é o mesmo que assumir uma postura comprometida e direta diante dessa atitude nada cordial. Flertar com a xenofobia é revelar os desejos mais reprimidos que povoam o íntimo de nosso inconsciente coletivo, instaurando nossa própria condição de “natural de”, afinal, desde a invenção do Brasil, nós somos todos estrangeiros, com exceção dos povos originários. E esse “nós” inclui o “outro”, o que nos constitui na diferença sincrética e com quem deveríamos ser mais tolerantes.

Baseando-se no psicanalista Christian Dunker (2014), Vanice Sargentini vai refletir sobre essa noção de cordialidade brasileira em conflito com a intolerância quando nos situamos no contexto político brasileiro atual, marcado por situações, discursos e práticas de agressividades. Ela vai dizer que se o brasileiro é visto como aquele que tende a “aceitar o sincretismo cultural, logo isso conduziria a vê-lo como aquele que valoriza os processos de individualização liberal. Sob essa ótica a cordialidade é signo da cura para a intolerância que compreende o racismo, a xenofobia, a homofobia, o sexismo, o preconceito religioso, social ou político”. (Sargentini, 2017, p.2)

Figura 4- Posts selecionados em redes sociais outubro/2018.

 Afonso  compartilhou ...
uma publicação no grupo Unila.
5 h · Facebook Lite · 

Partilhei a publicação desse senhor pra verem o quê ele escreveu no seu Facebook contra os estrangeiros na UNILA.
Ele tem quê entender que a Unila não é a única Universidade no mundo quê tem processo seletivo para estrangeiros...

 Roberto  commented on a link.
18 h · 

Tem que acabar com está merda da UNILA ..tem que dar estudos sim a brasileiros não a estrangeiros isso e merda de cabeça comunista daquele ladrão do lula

 **Unila na pauta: reitor e diretor da Itaipu farão reunião**
Os dirigentes das instituições se e...
www.h2foz.com.br

    e outras 30 pessoas
9 comentários

  <https://m.facebook.com>  

 Terezinha 
Destroí não pensa no outro sabendo que ali quantos vão precisar deste prédio para estudar.MAIS não se importa com o outro essa é a cultura de esquerda corrupta e suja
1 sem. Curtir Responder Mais

 Joa 
#ACABAUNILA 6
1 sem. Curtir Responder Mais

 Joa  respondeu · 2 respostas

 Rodrigo 
Isso que trazer esse bando de indio para "estudar no Brazil" palhaçada!!
1 sem. Curtir Responder Mais

 Reinaldo 
Vão carpir um terreno as mulheres lavar roupa uma louça, tirar as telhas de aranha da casa. Engraçado só pensa em aborto usa camisinha ou não vão dá ,vai pensa em estudar.
1 sem. Curtir Responder Mais

 Nata  ▶ Unila
36 minutes ago · 

El día de ayer sufrí xenofobia por parte de un hombre calvo de 30 a 40 años aproximadamente cerca del JU que conducía una camioneta negra, fui agredida verbalmente llegando al punto de ser "basura" aquí.
Tengan cuidado y no anden solos.
A tomar precauciones para que nadie sufra más.

    and 25 others 5 Comments

 Like  Comment

 Alex  ▶ Unila
há 3 horas · 

Buenos días.
Amigos extranjeros, tengan cuidado al andar por las calles de Foz este día, anoche un amigo salvadoreño fue atacado por simpatizantes de bolsonaro en el baño de un bar en la Avenida Brasil, la justificación que dieron fue: Que los extranjeros no tenemos derecho a estar aquí.
Para mayor seguridad es mejor no salir de casa este domingo.

    48 18 comentarios

 Triste  Comentar

Fonte: Arquivo pessoal; recortes de redes sociais.

Passamos agora a quatro recortes de uma postagem selecionada de rede social *Facebook*, publicada em um “grupo Unila” (Figura 4), cuja estruturação é dividida em 4 partes: 1) uma notícia jornalística “Unila na pauta: reitor e diretor da Itaipu farão reunião”; 2) postagem dessa notícia por indivíduo Roberto em redes sociais; 3) (re)postagem da primeira postagem de Roberto feita por Afonso no “grupo Unila”; e 4) comentários de 4 membros do grupo Unila. Vale destacar esta sequência de leituras em função do suporte e da construção do processo enunciativo, produzindo efeitos de sentidos diferentes de um simples comentário ao pé da página original onde se publicou a notícia da reunião.

A sequência é reconstituída através dos seguintes enunciados:

- 1) E8: “Tem que acabar com está merda da UNILA.. tem que dar estudos sim a brasileiros não a estrangeiros/isso e merda de cabeça comunista daquele ladrão do lula” (sic)
- 2) E9: *“Partilhei a publicação desse senhor pra verem o quê ele escreveu no seu Facebook contra os estrangeiros da Unila. Ele tem quê entender que a Unila não é a única Universidade no mundo quê tem processo seletivo pra estrangeiros...”*(sic)
- 3) E10: “Destroi não pensa no outro sabendo que ali quantos vao precisar desse prédio para estudar. Mais não se importa com o outro essa é a cultura da esquerda corrupta e suja” (sic)
- 4) E11: #ACABAUNILA
- 5) E12: “Isso que trazer esse bando de indio pra “estudar no Brazil” palhaçada!” (sic)
- 6) E13: “Vao carpir um terreno as mulheres lavar roupa uma louça, tirar as telhas de aranha da casa. Engraçado só pensa em aborto usa camisinha ou não vão dá, vai pensa em estudar.” (sic)
- 7) E14: “El día de ayer sufrí xenofobia por parte de un hombre calvo de 30 a 40 años aproximadamente cerca del JU [Jardín Universitario] que conducía una camioneta negra, fui agredida verbalmente llegando al punto de ser “basura” aquí. Tengan cuidado y no anden solos. A tomar precauciones para que nadie sufra más.”

- 8) E15: “Buenos días. Amigos extranjeros, tengan cuidado al andar por las calles de Foz este día, anoche un amigo salvadoreño fue atacado por simpatizantes de bolsonaro en el baño de un bar en la Avenida Brasil, la justificación que dieron fue: Que los extranjeros no tenemos derecho a estar aquí. Para mayor seguridad es mejor no salir de casa este domingo.” (sic)

Dos enunciados selecionados (E8 a E15), a partir dos *posts*, tecemos uma breve análise que vai corroborar com as análises anteriores. O objetivo é localizar as manifestações de xenofobia em dois espaços articulados entre mundo físico e mundo cibernético: o território sem fronteira da internet (perfil de redes sociais dos agressores e das vítimas, página de grupos etc.), o espaço físico-virtual por onde circulam estudantes brasileiros e estrangeiros da UNILA; o espaço geográfico delimitado pela cidade de Foz do Iguaçu e pela região da fronteira. Os enunciados acima evidenciam discursos de diferentes formações discursivas onde se localizam evidentes ataques às minorias, para justificar a expulsão a estrangeiros.

Em E8: aversão a estrangeiros marcada por posição política divergente explicitada pela expressão “merda de cabeça comunista” e “ladrão do lula” (sic.) ou em E10: “cultura da esquerda corrupta e suja”; já em E12, xenofobia dirigida a índios não brasileiros, já que muitos dos estudantes estrangeiros na UNILA têm descendência indígena boliviana, colombiana, peruana etc. O mesmo enunciado E12 explicita uma xenofobia indígena brasileira pela ambiguidade, se partimos do pressuposto de que o indivíduo xenófobo não vê o índio brasileiro como brasileiro, mas como apenas *índio* [selvagem?] como identidade generalizante em oposição a *brasileiro* [civilizado].

Em E13, nota-se um enunciado carregado de sentidos explicitamente machistas e misóginos quando localiza, por um lado, o papel da mulher na posição de trabalho doméstico através de atividades como “lavar roupa uma louça, tirar as telhas de aranha da casa” e, por outro, a posição contrária às lutas feministas onde se tem trazido à pauta das discussões temas como aborto, uso de métodos contraceptivos etc. Por fim, os enunciados E14 e E15 vêm explicitar situações de intimidação, violência verbal beirando a agressão física nas semanas que antecederam os dois turnos das eleições federais e estaduais. Nos dois depoimentos de estudantes estrangeiros hispanofalantes, relatam-se situações xenofóbicas vividas nas ruas de Foz do Iguaçu, próximo ao *campus* universitário ou em banheiro de um bar de uma avenida central da cidade, motivadas por eleitores e simpatizantes do então candidato à presidência Jair Bolsonaro. No relato (E15), o estudante afirma que a intimidação teve como argumento o fato de que “*los extranjeros*

no tenemos derecho a estar aquí". O "aqui" é um dêitico cuja referência situa o discurso xenofóbico numa relação de diferença, onde sendo *na Unila, em Foz do Iguaçu* ou *no Brasil*, o estrangeiro é aquele que não pertence nem deve circular no mesmo espaço do sujeito agressor que se vê como "natural de", "original de", "pertencido a", "com direitos a", "raça pura" etc.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia desse capítulo foi apresentar uma síntese do panorama de pesquisa desenvolvida entre 2016 e 2019 e a configuração dos discursos contra imigrantes estrangeiros localizada num gesto de leitura a partir dos enunciados de teor xenofóbico no Brasil e no contexto da cidade iguaçuense situado na região da Tríplice Fronteira. Sabe-se que esse gesto de interpretação não responde às questões mais profundas imersas na amplitude do *iceberg* cuja superfície dos dados aqui descritos apenas tentamos mostrar no decorrer desse texto. Acreditamos que esse trabalho aponta para uma série de questões que devemos nos colocar a propósito dos diferentes modos de recepção ou rechaço do estrangeiro desde uma mirada interculturalista, política, histórica, sociológica, psicanalítica e, sobretudo, discursiva posto que é na língua e em outras semiologias que os sentidos emergem. Esse último campo nos é caro. E é caro porque é o discurso que nos leva a perceber na língua e na linguagem o modo como os sentidos se inscrevem na história a respeito dos sujeitos, dos sujeitos estrangeiros, ou melhor, de alguns estrangeiros, não qualquer um indivíduo que venha a se deslocar em busca de uma vida melhor e fugindo dos seus lugares de origem.

A percepção das marcas de violência contra o estrangeiro não está posta na língua de modo que qualquer leitor ou interlocutor possa decifrar as contradições de nossa sociedade e os constrangimentos porque passam os indivíduos que migram. Os enunciados não são de todo modo meticulosamente construídos num estado de consciência a ponto de se deixar ver o que somos. O gesto de leitura e interpretação dos discursos xenofóbicos nos permite localizar na língua, na sua sintaxe, um dito-antes, uma memória que retorna, relevando possíveis contradições. E essas contradições não estão aquém de posições ideológicas, nacionalistas, políticas e partidárias, nem das relações de poder-saber que constituem os sujeitos que somos, cordiais na recepção imediata ou xenofóbicos e racistas no trato quando as questões identitárias entram em jogo em maior tempo de convívio.

Aqui explicitamos dois tipos de análises: (i) um primeiro onde localizamos títulos de notícias e artigos em blogs que evidenciaram situações de

agressão e acontecimentos violentos dirigidos a estrangeiros de identidade cubana, haitiana, venezuelana, síria, senegalesa como sendo os principais alvos de xenofobia e/ou racismo no Brasil nos últimos anos; e (ii) um segundo em que se localizam, em redes sociais, relatos, comentários, *posts*, contra estrangeiros (em sua maioria estudantes universitários) na região da Tríplice Fronteira, havendo como alvo institucional a UNILA, tendo em vista as políticas integracionistas, plurilíngues e interculturalistas e de valorização e promoção da diversidade explicitadas desde sua fundação na Lei nº 12.189/2010, em seu Art. 2º.

Entendemos que a emergência dos discursos xenofóbicos e racistas no Brasil e, em particular, em Foz do Iguaçu, PR, não é um fato recente, ainda que se tenha visto esse fenômeno com maior clareza no contexto das campanhas eleitorais polarizadas de 2018. A xenofobia no Brasil vem historicamente aliada ao fenômeno do racismo sistêmico que constitui os traumas da cultura brasileira e está assentado nas nossas memórias silenciadas quando a imagem do *brasileiro cordial* é um mito que precisa ser discutido, repensado, trazido às falas públicas, aos textos, à academia, a grupos de estudos, reuniões, congressos e encontros científicos, às universidades brasileiras e estrangeiras. Nesses espaços, é preciso refletir sobre três formas de ocorrência da xenofobia com experiências e temporalidades histórias distintas, mas constitutivamente atravessadas: a) aquela que legitima as inúmeras violências contra os povos indígenas há mais de 500 anos; b) aquela dirigida aos nordestinos com suas memórias fincadas na problemática da “invenção do Nordeste” (Albuquerque Jr., 1999); e c) aquela que desumaniza os estrangeiros, particularmente os estrangeiros afrodescendentes, árabes, latino-americanos, hispanofalantes, quase sempre não brancos ou caucasianos, oriundos de países europeus etc. Eis um desafio que pode ser enfrentado a partir da pesquisa interdisciplinar, tanto na esfera da psicologia social quanto nos estudos linguísticos e discursivos, observando a própria materialidade da língua e dos textos por onde se estruturam na superfície aquilo que ocultamos nas profundezas do inconsciente.

